

## **PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA EM DIFERENTES ÁREAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE QUALITATIVA À LUZ DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO ODS (4)**

Marcelo Augusto Ribeiro (Universidade de Taubaté)  
Virgínia Mara Próspero da Cunha (Universidade de Taubaté)

### **Resumo**

Este artigo apresenta resultados parciais de uma dissertação de mestrado em Educação que investigou as práticas docentes de leitura desenvolvidas por professores de diferentes áreas nos anos finais do Ensino Fundamental, à luz da Psicologia Sócio-Histórica e do método dos Núcleos de Significação. O estudo, fundamentado em Vigotski (2000, 2001), teve como foco compreender como docentes da rede de ensino de um município do Vale do Paraíba paulista significam, organizam e executam suas práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da competência leitora, especialmente em alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura. Para tanto, foram utilizados formulários digitais e entrevistas semiestruturadas para produção das informações, posteriormente analisadas segundo o método de Aguiar e Ozella (2006, 2013), que possibilitou apreender sentidos e contradições presentes nas falas dos participantes. A análise de um núcleo revelou estratégias como a contextualização dos textos, o uso de multiletramentos, a integração de gêneros discursivos diversos, a mediação afetiva e a adoção de práticas avaliativas formativas. Os resultados evidenciam que os professores concebem a leitura como prática transversal, não restrita à decodificação, mas associada à construção de sentidos, à criticidade e ao desenvolvimento do pensamento nas diferentes áreas do saber. Contudo, também emergiram contradições, como a associação da leitura a recompensas extrínsecas e a prevalência de lógicas institucionais voltadas ao desempenho, revelando tensões entre a intencionalidade pedagógica e as demandas do sistema escolar. A avaliação, nesse contexto, aparece como campo de disputa entre concepções formativas e mecanismos de controle quantitativo, desafiando os docentes a conciliar exigências externas com compromissos formativos. O estudo aponta ainda para a valorização da leitura do mundo como ferramenta de ampliação do repertório cultural, reconhecendo os estudantes como sujeitos históricos e sociais. Conclui-se que o fortalecimento da competência leitora em todas as áreas depende de políticas públicas que garantam condições concretas de trabalho, respeito à autonomia docente e valorização dos saberes construídos na experiência escolar.

**Palavras-chave:** Leitura; Competência leitora; Práticas docentes; Psicologia Sócio-Histórica; Ensino Fundamental.



## **Introdução**

A leitura constitui uma prática social complexa e historicamente situada, essencial à formação crítica dos sujeitos e à construção do conhecimento em todas as áreas. Nos anos finais do Ensino Fundamental, etapa marcada por intensificação dos conteúdos e transição para uma lógica disciplinar mais fragmentada, o desenvolvimento da competência leitora ganha contornos ainda mais desafiadores. Nesse contexto, compreender como professores de diferentes componentes curriculares significam e implementam práticas de leitura torna-se fundamental para repensar estratégias pedagógicas que articulem linguagem, conteúdo e sentido.

Embora políticas públicas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e os currículos que dela derivam: privados, municipais e ou estaduais reconheçam a leitura como eixo estruturante da aprendizagem, persistem lacunas entre o que se prescreve e o que se concretiza nas salas de aula. Muitos docentes enfrentam dificuldades para integrar a leitura em suas rotinas pedagógicas de maneira significativa, seja por ausência de formação específica, seja por limitações estruturais e simbólicas que atravessam o cotidiano escolar.

Este artigo parte da inquietação sobre como práticas de leitura são concebidas e realizadas por professores de diferentes áreas nos anos finais do Ensino Fundamental. A investigação se insere em uma perspectiva qualitativa, orientada pela psicologia sócio-histórica e pelo método dos Núcleos de Significação (Aguar e Ozella, 2006, 2013), com o objetivo de analisar os sentidos e significados atribuídos à leitura nas falas docentes e identificar estratégias, contradições e possibilidades formativas emergentes dessas práticas.

Ao explorar as experiências e percepções dos professores, busca-se ampliar o debate sobre o papel da leitura como prática transversal, inclusiva e colaborativa, valorizando os saberes docentes e apontando caminhos para políticas educacionais mais sensíveis à realidade das escolas públicas.

## **Revisão da literatura**



A leitura, compreendida como prática cultural e socialmente construída, transcende a mera decodificação de signos linguísticos. Trata-se de um processo ativo de atribuição de sentidos, situado historicamente e atravessado por dimensões cognitivas, afetivas e socioculturais. Freire (1989) propõe uma concepção de leitura vinculada à leitura do mundo, em que compreender um texto implica também interpretar a realidade para transformá-la. Essa perspectiva assume a leitura como prática emancipatória, política e formadora de sujeitos críticos.

A psicologia sócio-histórica, por sua vez, oferece uma base teórica potente para pensar os processos de leitura e aprendizagem. Vigotski (2000) enfatiza o papel da linguagem como mediadora no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, destacando a importância do outro, o mediador, no processo de internalização dos conhecimentos. Assim, o professor ocupa lugar central na mediação dos sentidos que circulam na leitura, organizando situações pedagógicas que promovam a apropriação crítica da linguagem escrita.

Na mesma direção, Solé (1998) defende que a leitura deve ser ensinada de forma sistemática e contextualizada, com foco na construção de significados e no uso estratégico de procedimentos de leitura. Já Lerner (2002) alerta para o risco de práticas escolares descoladas das finalidades sociais da leitura, propondo que ela seja trabalhada como prática inserida em contextos reais de comunicação, valorizando os gêneros textuais e os objetivos dos leitores.

Para além dos aspectos didáticos, a atuação docente é atravessada pelos saberes da experiência. Tardif (2014) argumenta que os saberes docentes são construídos na prática, resultantes da interação entre conhecimentos acadêmicos, curriculares e profissionais. Compreender as práticas de leitura dos professores, portanto, exige reconhecer os saberes que orientam suas escolhas pedagógicas.

O currículo, como construção social em disputa, também desempenha papel relevante nesse debate. Autores como Ball (1994) e Silva (1999) problematizam a natureza prescritiva dos documentos curriculares e seus efeitos sobre as práticas escolares. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e o Currículo Paulista (SEDUC/SP, 2019), por exemplo, trazem diretrizes para o ensino da leitura em todas



as áreas, mas sua efetivação depende de condições concretas de trabalho, formação continuada e autonomia pedagógica.

Dessa forma, o ensino da leitura nos anos finais do Ensino Fundamental demanda uma abordagem inter e transdisciplinar, articulando saberes docentes, mediação pedagógica e práticas de linguagem situadas. A valorização da leitura como eixo transversal do currículo escolar deve considerar tanto as dimensões teóricas quanto as experiências concretas dos sujeitos que a promovem cotidianamente nas escolas.

## **Método**

Este estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, fundamentada na perspectiva sócio-histórica com base em Vigotski (2000, 2001), que compreende o sujeito em sua relação indissociável com o contexto social e cultural. Tal abordagem permite apreender sentidos e significados, contradições e ambiguidades presentes nos discursos dos professores, considerando que suas práticas pedagógicas não são neutras, mas atravessadas por dimensões históricas, políticas e institucionais.

Como procedimento metodológico, utilizou-se o método dos Núcleos de Significação, conforme proposto por Aguiar e Ozella (2006, 2013). Esse método organiza-se em três etapas principais: (a) leitura flutuante das transcrições das informações produzidas via questionário digital e entrevista semiestruturada, que possibilita um contato inicial com o material e a apreensão dos sentidos gerais; (b) levantamento de pré-indicadores e aglutinação em indicadores, a partir da recorrência de temas, contradições e significados emergentes; considerando informações similares, complementares e ou contraditórias e (c) constituição e análise dos núcleos de significação, que permitem compreender, em maior profundidade, como os participantes atribuem, em uma relação dialética, sentidos e significados às suas práticas de leitura.

O corpus empírico constituiu-se a partir de respostas em questionários digitais e entrevistas semiestruturadas de professores de diferentes áreas: Matemática, Ciências, História e Educação Física, atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental de uma rede pública de um município do vale do Paraíba, no interior de São Paulo. A



escolha desses sujeitos ocorreu de forma intencional, buscando contemplar diversidade de componentes curriculares e entender como a leitura se manifesta em disciplinas tradicionalmente não associadas a esse objeto de ensino.

As entrevistas foram gravadas, transcritas integralmente e analisadas à luz do método descrito, sempre em diálogo com o referencial teórico adotado. O processo de análise buscou evidenciar tanto as convergências quanto as tensões e contradições nos discursos docentes, respeitando os princípios da abordagem dialética, segundo a qual os sentidos se constituem nas interações sociais e refletem as condições concretas de existência dos sujeitos.

Assim, o percurso metodológico adotado permitiu compreender de que forma os professores significam a leitura em suas práticas pedagógicas, revelando estratégias, desafios e possibilidades para o fortalecimento da competência leitora em todas as áreas do currículo escolar.

A pesquisa foi autorizada pela Secretaria de Educação e Cidadania do município e submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), obtendo aprovação sob o parecer consubstanciado nº 7.302.512. O procedimento garantiu a observância dos princípios éticos, assegurando a integridade, a dignidade e os direitos dos participantes envolvidos.

O presente artigo contou com apoio da IA ChatGPT-4, utilizada exclusivamente para revisão textual, organização de tópicos e formatação conforme as normas do evento, com validação humana de todo o conteúdo científico.

## **Resultados e discussão**

A análise intranúcleo das entrevistas revelou que os professores compreendem a leitura como uma prática essencial e transversal, que não se restringe ao componente curricular de Língua Portuguesa, mas que permeia e sustenta o aprendizado em todas as áreas do conhecimento. Essa compreensão mostra-se presente nas falas de docentes de Matemática, Ciências, História e Educação Física, que reconhecem a impossibilidade de dissociar o trabalho com conceitos disciplinares da necessidade de interpretar textos, resolver problemas escritos ou dialogar com diferentes linguagens. Tal percepção corrobora a visão de Solé (1998), segundo a



qual a leitura deve ser uma preocupação de toda a escola, constituindo-se como eixo integrador dos diferentes saberes e elemento indispensável à aprendizagem crítica.

As narrativas docentes destacam que a leitura, ao se articular com os conteúdos específicos, possibilita que os alunos construam significados mais profundos, superando a dimensão técnica da decodificação e alcançando níveis de compreensão que favorecem o pensamento reflexivo. Essa postura evidencia que os professores mobilizam diferentes tipos de saberes, conforme discutido por Tardif (2014), que afirma que o saber docente é plural, articulando conhecimentos acadêmicos, curriculares e da experiência cotidiana. No contexto analisado, essa pluralidade se expressa em práticas pedagógicas que combinam planejamento institucional, domínio disciplinar e sensibilidade às necessidades concretas dos estudantes.

Diversas estratégias pedagógicas foram relatadas pelos docentes como tentativas de tornar a leitura significativa e funcional no cotidiano escolar. A contextualização aparece como recurso recorrente, em que os professores buscam aproximar os conteúdos de referências socioculturais próximas ao universo dos estudantes, como o uso da cultura pop, de influenciadores digitais ou de narrativas históricas sobre personagens relevantes. Além disso, os professores afirmam utilizar diferentes gêneros discursivos e multiletramentos, como histórias em quadrinhos, charges, mapas mentais, textos de divulgação científica e materiais audiovisuais, ampliando os canais de acesso à leitura e fortalecendo a compreensão por meio da integração de linguagens. Essas práticas dialogam com as concepções de Bakhtin (1997) sobre gêneros do discurso como formas socialmente constituídas de comunicação e também com os princípios dos multiletramentos, que reconhecem a diversidade de textos e linguagens como elementos pedagógicos fundamentais para a inclusão e a participação crítica.

Outro aspecto relevante identificado nas falas docentes diz respeito à afetividade e à ludicidade. Muitos professores afirmam que buscam estabelecer vínculos com os estudantes, mediando a leitura de forma compartilhada, realizando leituras coletivas em sala e valorizando a escuta das interpretações dos alunos, ainda que inesperadas ou “inusitadas”. Esses relatos indicam a centralidade da presença do



professor como mediador, o que se aproxima da perspectiva de Vigotski (2000), que enfatiza o papel do outro como facilitador da apropriação cultural. Contudo, emergem também contradições: em alguns casos, a leitura aparece associada a recompensas extrínsecas, como tempo de lazer ou dispensa de tarefas. Embora tais práticas expressem uma intenção positiva de estimular o interesse, acabam reduzindo a leitura a um mecanismo de barganha, descolando-a de sua função formativa e emancipatória. Nesse ponto, as reflexões de Freire (2013) são pertinentes ao alertar que a leitura não pode ser imposta como obrigação ou moeda de troca, mas deve ser vivida como ato de compreensão crítica da realidade.

No campo da avaliação, os resultados revelam uma tensão entre concepções formativas e práticas tradicionais. Alguns professores relatam experiências de avaliação qualitativa, como rodas de conversa, autoavaliações e trabalhos em grupo, que favorecem a participação discente e a construção coletiva do conhecimento. Entretanto, ainda se observam práticas baseadas em planilhas de desempenho e métricas quantitativas, orientadas pela lógica da performatividade e da responsabilização, características presentes nas políticas educacionais contemporâneas. Essa ambivalência mostra que os docentes se movem entre o desejo de promover uma avaliação emancipadora, entendida como ato amoroso e formativo conforme propõe Luckesi (2011), e a necessidade de atender a demandas institucionais pautadas em resultados objetivos. Tal contradição revela os limites impostos por um sistema educacional fortemente regulado por políticas de *accountability*, mas também a resistência e a criatividade dos professores em buscar alternativas para ressignificar suas práticas avaliativas.

Um ponto de destaque nas análises foi a compreensão ampliada da leitura como leitura do mundo. Os professores relataram que, ao trabalhar textos que abordam questões sociais, históricas ou culturais, procuram estimular os alunos a refletirem criticamente sobre a realidade, reconhecendo-se como sujeitos históricos. O uso de quadrinhos que retratam experiências quilombolas, por exemplo, ou de situações-problema da Matemática relacionadas ao cotidiano, demonstra a intenção de vincular a leitura ao desenvolvimento de uma consciência crítica. Essa perspectiva encontra ressonância no pensamento freireano, segundo o qual a leitura da palavra



deve estar indissociavelmente ligada à leitura da realidade, de modo a contribuir para a emancipação dos sujeitos e para a construção de uma educação democrática (Freire, 1989).

Em síntese, os resultados mostram que os professores reconhecem a leitura como prática pedagógica essencial em todas as áreas, mobilizando estratégias diversas para integrá-la às suas disciplinas. Entretanto, enfrentam contradições entre a intencionalidade formativa e as limitações impostas pelas condições de trabalho, pela escassez de recursos e pelas políticas educacionais centradas em desempenho. Essa ambivalência evidencia que o ensino da leitura, longe de ser um processo técnico, é marcado por disputas de sentido e por tensões entre propostas pedagógicas emancipatórias e exigências institucionais regulatórias. Ao mesmo tempo, confirma o papel ativo dos docentes na ressignificação das políticas curriculares, uma vez que, mesmo diante das pressões externas, constroem práticas de leitura que valorizam a contextualização, a diversidade de gêneros, a mediação afetiva e a formação cidadã dos estudantes.

### **Considerações Finais**

A investigação realizada permitiu compreender que a leitura, nos anos finais do Ensino Fundamental, é percebida pelos docentes como prática indispensável em todas as áreas do conhecimento, extrapolando a ideia de que seria uma responsabilidade exclusiva da Língua Portuguesa. As falas analisadas demonstraram que os professores mobilizam estratégias diversas, contextualização, uso de multiletramentos, exploração de diferentes gêneros discursivos, afetividade, ludicidade e avaliação formativa, para integrar a leitura às suas disciplinas, reconhecendo-a como mediadora fundamental do processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, também emergiram contradições significativas. A leitura, em alguns momentos, foi associada a mecanismos de recompensa ou submetida a lógicas de avaliação quantitativa, revelando as tensões entre o desejo de construir práticas formativas e emancipadoras e as pressões institucionais que priorizam resultados e metas de desempenho. Essas ambiguidades mostram que o trabalho docente com a



leitura se realiza em um campo de disputas, no qual se entrelaçam intencionalidades pedagógicas, políticas curriculares e condições concretas de trabalho (Apple, 1989), (Silva, 1999).

Ao mesmo tempo, a análise evidenciou a potência das práticas docentes que associam a leitura ao desenvolvimento do pensamento crítico e à leitura do mundo, em consonância com Freire (1989, 2013). Ao promover situações em que os estudantes articulam textos escolares com suas vivências e repertórios culturais, os professores favorecem a formação de sujeitos capazes de interpretar, questionar e transformar a realidade. Essa dimensão cidadã da leitura reafirma seu papel não apenas como ferramenta de aprendizagem, mas como prática política e social indispensável à democracia.

Conclui-se que a consolidação da leitura como prática transversal exige políticas públicas que assegurem condições institucionais adequadas, valorizem a autonomia docente e promovam formação continuada crítica, de modo a potencializar os saberes da experiência e ampliar a capacidade dos professores de criar estratégias contextualizadas e inclusivas.

Assim, mais do que constatar as dificuldades, este estudo ressalta a relevância da leitura como prática coletiva, cultural e formativa que atravessa todas as áreas do conhecimento. Investir em políticas educacionais que reconheçam essa centralidade e apoiem o trabalho docente é um caminho necessário para o fortalecimento da competência leitora e para a construção de uma escola pública democrática, plural e socialmente comprometida.

## Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 222-247, 2006.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

APPLE, Michael W. (1989). Currículo e Poder. **Educação & Realidade**, 14 (jul/dez. de 1989). <https://doi.org/ISSN0100-3143>



BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FALEIROS, Fabiana et al. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 25, n. 4, e3880014, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LERNER, D. et al. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre, Rs: Artmed, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência, saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012.

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em 15 de junho de 2024.

SEDUC/Undime SP, **Currículo Paulista**. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6a ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**, 17.ed. Petrópolis, RJ, 2014.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.